

**Nas redes e nas ruas:
o papel do facebook na articulação das manifestações**

*In networks and on the streets:
facebook's role in the coordination of events*

Adriana Alves RODRIGUES¹
Stefanya Maria Ferreira NEVES²

Resumo

Este trabalho discute o papel das redes sociais enquanto ferramentas de articulação durante os protestos de Junho de 2013 no Brasil. Abordando as evoluções das práticas comunicacionais, o estudo compreende as redes sociais como um canal de discussão para o ciberativismo e discute a comunicação mediada pelo computador, o conceito de conversação em rede, o ativismo e a força das mídias sociais. Com base em métodos de pesquisa desenvolvidos para internet, o trabalho faz uma avaliação das conexões dos atores sociais, identificando a construção de laços e capital social dentro da *fanpage* do movimento Passe Livre São Paulo, no Facebook. Para tanto, foi realizada uma análise de conteúdo em relação às publicações da página durante os protestos. Os resultados sugerem uma confirmação de que os indivíduos podem ser os agentes modificadores das articulações e que esta intervenção fortalece os laços sociais na web.

Palavras-chave: Ciberativismo. Redes sociais. Facebook. Jornadas de junho. Cibercultura

Abstract

This paper discusses the role of social networks as tools of articulation during the June 2013 protests in Brazil. Addressing the evolution of communication practices, the study includes the social networks as a discussion channel for cyber-activism and discusses the computer mediated communication, the concept of networked conversation, activism and the power of social media. Based on research developed for internet methods, the work makes an assessment of the connections of social actors, identifying building links and social capital within the fanpage movement Free Pass São Paulo, on Facebook. Therefore, a content analysis in relation to the page publications during the protests took place. The results suggest a confirmation that individuals can be the modifying agents of the joints and that this intervention strengthens social bonds on the web.

Keywords: Cyber-activism. Social networks. Facebook. The June days. Cyberculture

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Comunicação e Culturas Contemporâneas (linha Cibercultura) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: adrianacontemporanea@gmail.com

² Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: stefanya.neves@gmail.com

Introdução

O uso intensivo da internet e a vivência dos atores sociais dentro da rede reconfigura as práticas comunicacionais e alteram gradativamente o cotidiano dos indivíduos e a forma como eles interagem no ambiente. Nesse contexto, as redes sociais são significativas porque permitem que os sujeitos sociais se organizem discursivamente dentro da rede. As redes sociais fazem parte integrante do cotidiano dos indivíduos e são constituídas dos atores sociais e das conexões desses sujeitos conforme Raquel Recuero (2009, *online*). Essas conexões transformam a estrutura dos grupos de conversação online e influenciam nas formas de interação entre os atores sociais e na difusão de informações.

Estar conectado à rede gera um sentimento de pertencimento nos indivíduos que buscam se inserir cada vez mais dentro desses ambientes de interação social. Nessa perspectiva as redes sociais têm se mostrado o grande atrativo da internet porque através delas esses atores podem construir laços sociais e desenvolverem uma inteligência coletiva a partir da troca de experiências e opiniões nesses ambientes de conversação. Deste modo, o conceito de conversação discutido por Raquel Recuero se mostra pertinente, uma vez que trata as redes sociais como um canal onde as interações sociais se estabelecem e por onde as relações se firmam. Assim, várias pessoas que compartilhavam do mesmo sentimento de insatisfação frente às ações de lideranças políticas no país se organizaram e conseguiram levar para as ruas suas reivindicações que começaram dentro da rede, a partir de discussões em fóruns e grupos no Facebook. Segundo Recuero esta é “a capacidade do ciberespaço de proporcionar um ambiente de interação e de construção de laços sociais”. (RECUERO, 2010, *online*).

Este sentimento de insatisfação ficou evidente quando em junho de 2013 uma série de protestos (que ficou conhecido como as Jornadas de junho) invadiu as ruas do país onde milhares de pessoas se reuniram com o propósito de reivindicar melhorias em diversos âmbitos da vida social de modo mais abrangente, mas com múltiplas pautas reivindicatórias. As manifestações tiveram foco na mídia tradicional e na mídia alternativa, mas foi nas redes sociais onde essas reivindicações ganharam proporções gigantescas. Neste sentido, este trabalho visa analisar o impacto dos protestos a partir da

organização dos indivíduos e da interação comunicacional dentro da *fanpage* “Passe Livre São Paulo”³ no Facebook no período de 15 a 21 de Junho de 2013.

A página do movimento Passe Livre de São Paulo foi escolhida por ser uma das redes desencadeadoras do movimento que se tornou também referência no surgimento de outras páginas do gênero tendo mais de 290 mil seguidores, e a análise neste período se deu pela grande repercussão dos protestos durante esses dias.

O estudo parte do pressuposto de que o público pode se tornar agente modificador e mediador em relação ao um fato midiático através das redes sociais, e que podem gerar novos desdobramentos a partir do evento jornalístico, com a perspectiva de ganho no espectro informativo do interagente, estabelecendo conversações e fortalecendo (ou não) os laços sociais na web. Utilizou-se como estratégia metodológica a análise de conteúdo que é definida por Laurence Bardin em seu livro “Análise de Conteúdo” sendo esta metodologia “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição (quantitativa ou não) do conteúdo das mensagens”. Segundo a autora, essas técnicas buscam interpretar os processos de produção e recepção das mensagens através da inferência obtida pela descrição dos dados.

Assim, este artigo divide-se em dois momentos: no primeiro tópico discute-se as potencialidades dos grupos e os conceitos de redes sociais e comunicação mediada pelo computador de Raquel Recuero, buscando entender de que forma os indivíduos se organizam e interagem entre si dentro da rede, bem como questões identitárias interatividade e ciberativismo. No segundo momento, compreende-se as redes sociais como um canal de discussão para o ciberativismo através do conceito de ciberdemocracia na visão de Wilson Gomes. Neste tópico falaremos sobre o ativismo, sobre as redes sociais e a usabilidade do Facebook enquanto ferramenta de organização social e difusão de ideias.

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/passelivresp?ref=ts&fref=ts>

1 Interações e as apropriações de fala

Os processos comunicacionais vêm sofrendo grandes revoluções ao longo do tempo com a apropriação de novas técnicas usadas pelo homem que facilitam na interação entre os sujeitos e na compreensão da fala. Para muitos a maior revolução desses processos comunicacionais se deu com a popularização da internet e a criação de um novo espaço onde a ‘fala’ torna-se acessível a todos, independentemente da condição cultural e econômica dos indivíduos. Diferente do que pensava o filósofo Pierre Lévy, o processo de inclusão no ciberespaço não ocorre mais de forma lenta e gradual porque agora o ambiente web faz parte dos indivíduos. Conforme o filósofo a internet gera novas formas de conhecimento sendo “a descoberta da liberdade do ponto de vista social”. Tomando como base as discussões de Lévy, o ambiente *online* tende a propiciar conversação, além de permitir a interação social dos sujeitos criando laços, memórias coletivas e firmando relações independentes da ligação espaço-tempo-territorialidade.

As redes sociais fazem parte dos elementos que constituem o espaço virtual de conversação e são ferramentas que possibilitam a comunicação mediada pelo computador. Para Recuero, a CMC (comunicação mediada pelo computador) não difere das formas de comunicação convencionais, uma vez que a interação entre os sujeitos é estabelecida independentemente dos aparatos tecnológicos utilizados, de forma que a CMC “é também um produto social. Essas redes conectam não apenas computadores, mas pessoas”. (RECUERO, 2009, p.17).

Conforme Lévy (2001, *online*), cada sujeito é livre para criar e fazer parte de grupos de acordo com seus gostos e vontades dentro do ciberespaço. Já Leonardi e Antoun entendem esses grupos como espaços dinâmicos de troca de informações constituídos por atores e conexões. “Esses espaços de convivência são também lugares de fala onde se representam os valores do perfil identitário de quem os encabeça”. (LEONARDI E ANTOUN, 2012, p.1-12).

Diante do que já foi discutido, compreende-se que as redes sociais permitem que os indivíduos se comuniquem e se façam presentes dentro do ciberespaço. A criação de perfis, *fanpages*, grupos e comunidades são um meio de garantir o direito de ‘fala’

pelos agentes de interação. Contudo, a apropriação das redes e do ciberespaço por estes sujeitos tem garantido a eles mais ‘voz ativa’ frente à sociedade.

Essas apropriações funcionam como uma presença do “eu” no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. Essa individualização dessa expressão, de alguém “que fala” através desse espaço é que permite que as redes sociais sejam expressas na Internet. (RECUERO, 2009, p. 27).

Deste modo, o conceito de “Conversação em Rede” de Raquel Recuero, explica que por conta de algumas características das redes sociais a permanência das interações se acentua e assim a reprodutibilidade ganha destaque, além da maior buscabilidade de novos conteúdos por parte dos atores sociais. Tal fato acontece porque em redes sociais, cujo foco são as conexões e as interações sociais, como o caso do Facebook, a adição de pessoas é um aspecto crescente, ou seja, a todo momento novos usuários se conectam ao site e, de acordo com a autora, esse crescente aproxima os indivíduos e criam um vínculo entre eles independentemente de se conhecerem ou não. “A conversação é maior, há mais participação e mais abrangência” (RECUERO, 2012, *online*).

Em virtude dessa movimentação, a difusão e a repercussão de conteúdos que caem na rede ganham proporções inimagináveis e não se sabe em quantas pessoas um simples comentário pode chegar. “Não sabemos quem são mais os receptores, uma vez que a mensagem publicada pode ser republicada, comentada e com isso, migrar para pontos distantes da rede” (RECUERO, 2012, *online*).

Neste contexto, a participação e a organização discursiva dos indivíduos dentro do ciberespaço vêm alterando significativamente o modo de produção e disseminação de conteúdo perante a sociedade atual. Ditando novos parâmetros culturais, seja no âmbito pessoal, organizacional ou institucional, as redes sociais potencializam os hábitos de leitura, de busca e produção de informações, consumo, além de novas formas de sociabilidade e interação entre os indivíduos. Por seu caráter interativo, instantâneo e dinâmico, o ambiente *online* dá possibilidade para que os agentes sociais troquem informações de modo muitas vezes intensivo, participem e debatam de assuntos culturais, econômicos e políticos, configurando em um canal aberto para a prática da democracia no universo virtual ou ciberdemocracia (GOMES, 2005, *online*).

2 Ciberativismo: a mediação das mídias sociais

Compreende-se por democracia como sendo a soberania popular, ou seja, a vontade do povo sobre as principais decisões políticas da esfera pública, como afirma Wilson Gomes (2005, *online*). Partindo desse pressuposto, deve-se pensar no conceito de democracia reconfigurado às novas bases de interações sociais decorrentes da internet. A ciberdemocracia, por exemplo, usa o conceito de democracia de antes em um universo novo, onde há uma explosão da ‘liberdade de expressão’ somada a uma comunicação mais transparente e universal.

Para quem tem acesso a um computador e capital cultural para empregá-lo no interior do jogo democrático, a internet é um recurso valioso para a participação política... [a internet] pode assegurar aos interessados em participar do jogo democrático dois de seus requisitos fundamentais: informação política atualizada e oportunidade de interação [...]. (GOMES, 2005, *online*)

Imerso na web, as pessoas veem uma maior facilidade para opinar, discutir assuntos políticos ou causas sociais e econômicas. De acordo com Regiane Garcêz (2013, p. 305), esse espaço de discussão é uma ferramenta importante para esses sujeitos porque no ciberespaço há uma oportunidade para debater qualquer tema de esfera pública e há também a possibilidade de adesão de outros sujeitos que defendem a causa, ou simplesmente “porque permite a mobilização via redes digitais”.

Nesse instante, pode se afirmar que vive-se a cultura do diálogo democrático virtual onde as informações são livres e as trocas de experiências também. No universo ciberdemocrático não há favorecimento, todos podem expressar seu ponto de vista e tal prática pode facilitar a formação de opiniões individuais. Fábio Malini e Henrique Antoun acreditam que esta é uma cultura de colaboração ainda em formação onde os atores sociais apropriam-se dos aparatos tecnológicos como ferramentas de libertação, emancipação e defesa de direitos. “A participação e o compartilhamento se revelam os novos fundamentos para a construção de uma mundialização ativa e afirmativa das singularidades de sua vasta multidão” (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 57). Ainda segundo os autores, o ativismo em rede ou ciberativismo potencializa as práticas de comunicação e organização dos indivíduos com base na atuação social, sendo as redes

“uma forma própria de poder constituinte através do qual uma multidão inteligente armada pela comunicação distribuída em redes interativas estaria conquistando sua emancipação social” (p. 58).

Neste sentido, as redes sociais estão presentes no dia-a-dia dos indivíduos e estes têm se aproveitado cada vez mais desse tipo de mídia para expressar opiniões. O Facebook no Brasil tornou-se praticamente uma vitrine de opiniões de movimentos sindicais, partidos políticos e de pessoas comuns que se apropriam das redes sociais para diversas finalidades. O tempo presente e a construção dos laços fracos através das relações banais da vida cotidiana marcam a socialidade ou o que André Lemos (2002, *online*) chama de ciber-socialidade sendo a relação dialógica das novas tecnologias e da vida social, de forma que os atores sociais usam os perfis, páginas, comunidades, fóruns e grupos como ferramentas de expressão do pensamento na rede social.

Essas mídias instigam os indivíduos a falar sobre suas insatisfações e opinar sobre a economia política do país, reinventando, no âmbito da comunicação, os processos de participação e servindo de inspiração a outrem. Na perspectiva de Marcus Lima, empreende-se que as redes sociais são ferramentas tecnológicas que servem como um canal de expressão dos ativistas, além de serem também ferramentas de divulgação. Segundo o autor, elas estão mudando a forma como os ciberativistas podem iniciar uma revolução.

Essas redes também estão contribuindo para o modo com os movimentos são organizados, ou seja, elas estão definindo um novo modo de como os ativistas se aproximam desses movimentos, ao darem poder a um coletivo de pessoas de levar adiante suas tarefas como ativistas de uma maneira historicamente diferente da que sempre foi, quando as comparamos às formas tradicionais de ativismo, dominadas por organizações centralizadas”. (KESSLER, 2012, p.213 *apud* LIMA, 2013, p. 289).

Garcêz (2013, p. 315) compartilha do pensamento quando diz que as redes sociais “podem se transformar em importantes espaços de discussão política e de desvelamento de causas sociais”. A este princípio acrescenta-se que as redes sociais – em especial o Facebook – são uma ferramenta importantíssima para o recrutamento de novos ativistas sociais por causa da facilidade de reprodução do conteúdo através dos compartilhamentos e pelo baixo custo – ou nenhum – que essa prática traz.

Um das formas mais comum desse recrutamento de novos ativistas que podemos perceber são as petições online em prol de alguma causa: “Assine aqui para

acabar com os maus-tratos aos animais”; “Assine aqui se você é a favor da condenação dos políticos envolvidos no esquema do Mensalão”; “Assine aqui para acabar com a corrupção”; etc. Esse tipo de ativismo possui um número tão grande de assinaturas eletrônicas e adesão à causa, quanto de compartilhamentos no Facebook facilitando o ciberativismo dentro da rede social. O que não deixa de se destacar é que com a mesma facilidade que a internet proporciona à liberdade de ação dos indivíduos e coloca um assunto na agenda do povo, ela também reposiciona outros, altera a agenda. A velocidade da informação acentua-se de tal modo na internet que um tema considerado relevante acaba perdendo espaço na rede mediante ao surgimento de outro tema mais relevante que o anterior em poucas horas.

Entende-se que a velocidade com que tudo acontece acaba por tirar o foco de temas muito relevantes. Essa urgência de informações faz com que novas causas surjam; com que outros assuntos entrem em foco e acaba por não permitir que as pessoas se aprofundem em nada, mesmo com os infinitos hiperlinks que a internet possibilita aos seus usuários, as pessoas “agem por agir” ou do “agem pelo calor momento”. (BAUMAN, 2001, *online*). Para Marcus Lima (2013, p.291) “as mídias sociais maximizam o impacto dos ativistas casuais ao permitirem que eles participem mais facilmente de atividades de ativismo tais como comunicação, ações coletivas e recrutamento”.

Ainda de acordo com as discussões levantadas por ele, apesar de muitos desses engajamentos em objetos do ativismo serem superficiais, acredita-se que o envolvimento constante dos sujeitos em práticas ativistas – mesmo sem muito aprofundamento – pode contribuir de forma significativa a ponto de mudar as questões sociais ao qual reivindicam e até mesmo tornar real a defesa e a luta por esses ideais, além de legitimar o ciberativismo como sendo eficiente e de modo colaborativo.

Malini e Antoun (2013, p. 112) veem a colaboração dos atores sociais na rede como a libertação do processo de emissão que fragmenta a atenção dos meios de comunicação e, em consequência, a sua audiência. Além disso, a participação dos sujeitos e o compartilhamento nas mídias sociais desprende o fato de ser tomado exclusivamente por uma única versão.

A facilidade de produção e a velocidade de circulação da informação que estão disponíveis ao cidadão recompõem o jogo de forças no

âmbito contemporâneo midiático. Isso por dois aspectos fundamentais: a atenção aos meios, tendencialmente, se fragmenta, pois as pessoas dividem o seu tempo entre ler notícia em um jornal e vê-la no YouTube, lista de discussões, *blogs* e outras mídias sociais; e o fato noticioso não fica preso à versão única do fato, agora, este é objeto de um intenso diálogo público nas listas de discussão, de uma crítica nos *blogs* ou mesmo é remixado em *sites online*, como o YouTube. (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 113).

Neste contexto, emerge o movimento do Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação),⁴ que emergiu nas redes sociais e se auto intitulam como um “jornalismo independente, sem corte e sem filtro” parcialmente livre de edições e sem uma linha editorial definida. A Mídia Ninja foi responsável por fazer a cobertura dos protestos, a partir de relatos e experiências dos próprios manifestantes, durante os atos que aconteceram em junho e julho e acabou recrutando milhares de pessoas a participar dos protestos. O crescimento dessa mídia dentro da rede social permitiu que os atores sociais pudessem divulgar suas ações em tempo real, sob o ponto de vista dos manifestantes, considerada uma arma, tendo o ‘discurso livre’ como uma poderosa munição. Neste sentido, trataremos essa discussão para o centro a partir da análise do uso do facebook e de outras redes sociais durante as manifestações de junho de 2013 no Brasil com a repercussão que causou devido a sua dimensão.

3 Análise aplicada

As manifestações em prol da revogação no aumento das passagens se iniciaram no começo de Junho de 2013 em várias capitais do país e foram marcadas pelos grandes conflitos que ocorreram entre os manifestantes e a força militar atraindo a atenção da mídia e da sociedade em geral. Entre os dias 15 e 21 do mesmo mês, os protestos adquiriram caráter nacional com a adesão de milhares de pessoas às reivindicações e resultando protestos em mais de 230 cidades do Brasil.

Considerando o Facebook como uma rede social com base na interação entre atores que possibilita a construção de perfis identitários e a concepção de novas conexões entre esses perfis, viabilizando o surgimento de grupos sociais pertencentes a vários contextos dentro da rede, torna-se oportuno analisar as redes sociais porque elas

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/midiaNINJA?ref=ts&fref=ts>.

possuem uma estrutura dinâmica que estão em constante movimento e evolução, segundo Fragoso, Recuero e Amaral, no seu livro “Análise de conteúdo”. Além disso, a heterogeneidade dos atores dentro da rede possibilita uma compreensão geral acerca de como funcionam essas conexões, realizando dessa forma, um estudo qualitativo das relações nessa rede social.

Ainda conforme as autoras, nenhuma rede possui fronteiras delimitadas para métodos de pesquisas na internet sendo obrigação do pesquisador defini-las. Diante disso, este trabalho considerou a página do movimento PLSP (Passe Livre São Paulo) como sendo a principal mediação e as conexões foram interpretadas como sendo o número de “curtidas”, “comentários” e “compartilhamentos” de atores sociais em relação às postagens da *Page*. De acordo com as autoras essas conexões possibilitam as relações entre os perfis e podem gerar a construção de laços sociais considerados fortes ou fracos e também de capital social que trata do conjunto de valores criado por um grupo social.

Os laços fortes conectam indivíduos que dividem a intimidade, grupos sociais próximos e amigáveis. Já os laços fracos, por outro lado, conectam ‘conhecidos’, ou atores cujas relações sociais focam menos intimidade e o aprofundamento... [entretanto]... para que se estude o capital social dessas redes é preciso estudar não apenas suas relações, mas igualmente, o conteúdo das mensagens que são trocadas através delas. (FRAGOSO, RECUEIRO e AMARAL, 2011, p. 123).

A partir de uma leitura flutuante os conteúdos da página analisados foram divididos em três categorias: notas, convocações e divulgações com tais aspectos, a saber:

- 1) **Notas:** consideraram-se alguns relatos dos protestos, comentários opinativos dos administradores da página e informes explicativos sobre as ações e o movimento;
- 2) **Convocações:** (convite aos protestos) são publicações compostas de elementos textuais, gráficos e ilustrativos;
- 3) **Divulgações:** ações dos manifestantes divulgadas na rede que também contam com o apoio de links e vídeos.

No período de análise houve 52 postagens levando em conta as três categorias definidas acima. Deste total o trabalho ateou-se a três publicações com maior número de conexões entre os atores, onde foram verificados o conteúdo dos comentários, bem como a quantidade de vezes que os indivíduos comentaram na mesma postagem gerando um diálogo que pode possibilitar a construção desses laços. Na visão de Fragoso, Recuero e Amaral os comentários que os atores fazem nas redes sociais, unidos a certa frequência, têm a capacidade evidenciar laços, mostrando o capital social existente entre os “nós”.

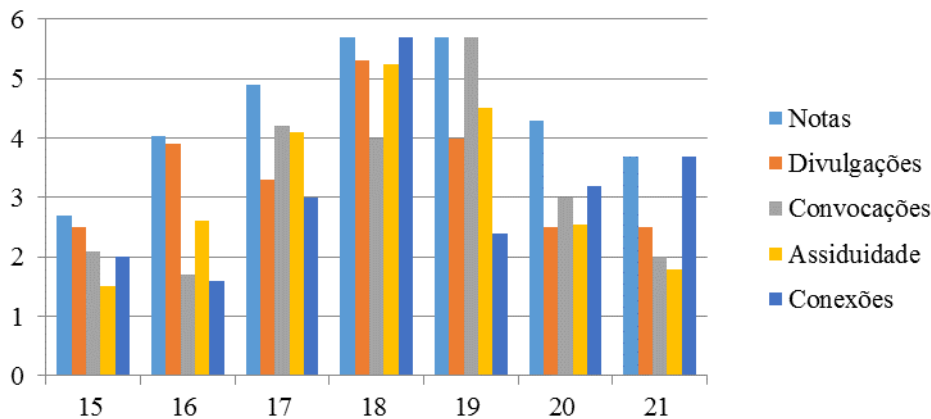
4 Resultados e discussão dos dados

Durante o período de análise houve uma variação do tipo de conteúdo postado na página mediante as categorias pré-estabelecidas anteriormente, assim como uma maior assiduidade nas publicações em determinado momento. Conforme observação, as categorias “notas” e “divulgações” tiveram destaque do dia 15 ao dia 17 quando, de acordo com o contexto, as manifestações começaram a se tornar populares ganhando a simpatia da sociedade. Entre os dias 17 e 19 as convocações foram elevadas nas publicações marcando o ápice do movimento com a adesão de milhares de pessoas, o que culminou no protesto da quinta-feira (20), a maior manifestação da jornada de junho, estendendo-se por todo país. Nos dias 20 e 21 a atividade da página voltou-se basicamente a pequenas notas face às conquistas dos manifestantes com os atos anteriores diminuindo um pouco do ritmo de atuação da rede.

As variações em relação ao tipo das postagens na página do PLSP indicaram também um aumento no número de conexões dos atores sociais na medida em que crescia o movimento e aceitação da sociedade. De acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p.136) esta seria a confiança: uma das lógicas do capital social. “A confiança no ambiente é o capital social relacionado ao comportamento do indivíduo em um grupo e dos elementos do grupo que podem auxiliar o indivíduo no ambiente da rede”. (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 136).

O gráfico ilustra a atividade da página de acordo com as categorias das postagens (notas, divulgações, convocações), a assiduidade dos posts e o número de conexões estabelecidas durante os dias analisados:

Figura 1 – Gráfico que mostra as movimentações na página do PSL.



Fonte: elaboração própria

No gráfico, a cor azul claro indica o ápice das publicações na categoria ‘notas’ no quarto e quinto dias. Já as postagens de divulgações foram representadas pela cor vermelha com destaque no dia 18. As convocações oscilaram durante o período de análise atingindo o nível mais alto no quinto dia. O gráfico aponta também a assiduidade das publicações apresentadas na cor laranja, com variação crescente e decrescente ao longo do período. Por último e na cor verde, o número de conexões estabelecidas na página sofreu uma queda após o quarto dia, voltando a subir no dia 20.

As publicações de notas e convocações foram as que apresentaram o maior número de conexões durante todo o período. Em ordem crescente e cronológica e pela soma total das conexões – considerando o número de curtidas, comentários e compartilhamentos – a menor das interações, obteve um total de 19.170 conexões no dia 17 de junho de 2013. Na lógica do capital social e da confiança depositada no ambiente para a interação, o dia 18 de junho obteve a maior pontuação no número de conexões, totalizando 23.479 dentro do post. Já no dia 21, as interações regrediram atingindo a marca de 21.789 conexões.

Figura 2- Post com maior número de conexões do período analisado (Reprodução do Facebook)



Fonte: Reprodução do Facebook

Durante as análises constatou-se a presença de diálogos e a construção de laços sociais nos comentários através de:

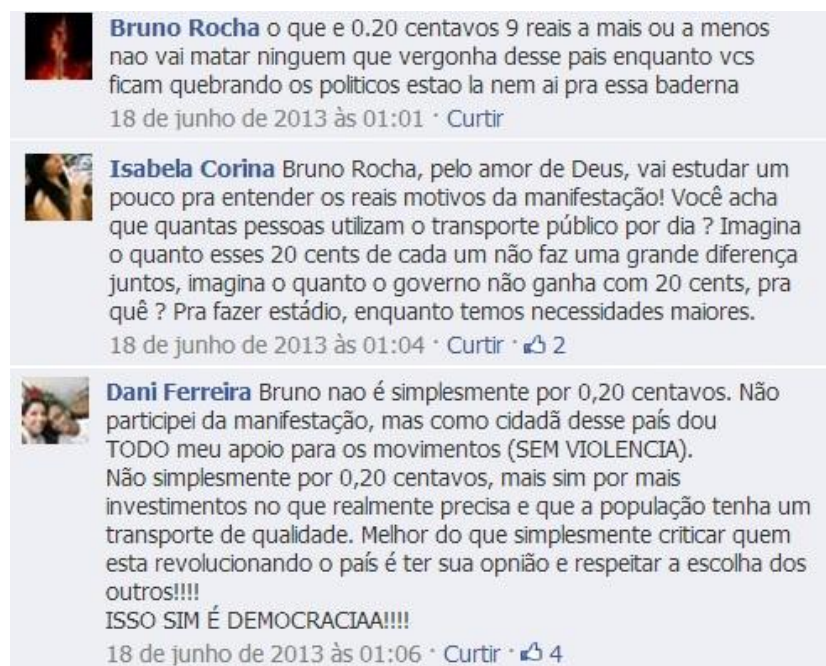
- I) Perguntas feitas por esses perfis e das respostas a questionamentos de outros atores;
- II) Opiniões dos perfis identitários;
- III) Sugestões de melhorias durante os atos.
- IV)

Figura 3 - Diálogo nas publicações da página



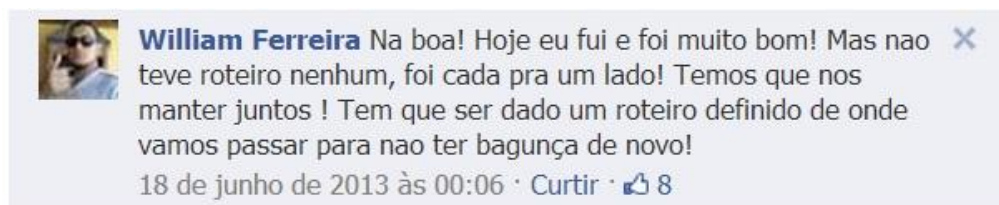
Fonte: Reprodução do Facebook

Figura 4- Opiniões dos perfis e atividade de interação



Fonte: Reprodução do Facebook

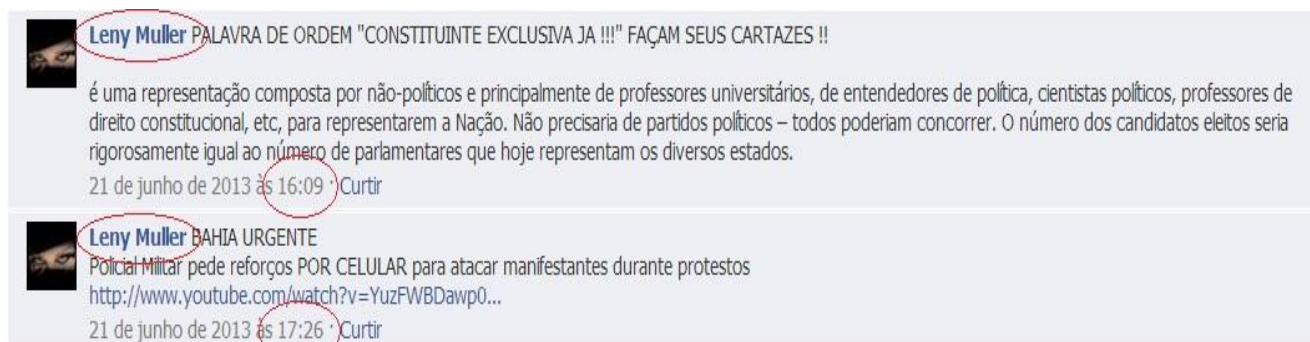
Figura 5 - Sugestões de organização nos atos do protesto



Fonte: Reprodução do Facebook

Observou-se também várias conexões de um mesmo perfil nas postagens, considerando a discussão de tempo-espaço-territorialidade como ilustra a figura:

Figura 6 - Vários comentários de um mesmo perfil na publicação



Fonte: Reprodução do Facebook

Considerações finais

O estudo procurou compreender o papel das redes sociais como um dos principais canais de articulação e mediação por parte do público a partir de um evento jornalístico, as jornadas de junho de 2013. Consideramos para esta análise a *fan page* do Movimento do Passe Livre de São Paulo como palanque oficial dos protestos. Deste modo, tínhamos como questão norteadora a premissa de que o público poderia se tornar como agente modificador através do facebook, fomentando e estabelecendo novas conexões e laços sociais.

A análise mostrou que, as práticas comunicacionais e interativas dos indivíduos, reforçadas pelas redes sociais, possibilitam a construção de laços sociais através da comunicação mediada pelo computador, e que estes, podem fortificar e intensificar em rede, muitas vezes, construídos por meio das mídias sociais aos quais Recuero chama de “laços fracos” que se baseiam no imediatismo do cotidiano.

A pesquisa mostrou ainda que estas redes acentuam as interações e garantem destaque e reprodutibilidade a conversações estabelecidas nesses ambientes virtuais. De acordo com os resultados apresentados constatou-se que há conexões contínuas dentro da *fanpage* PLSP onde foi possível perceber a construção do capital social através da exposição das opiniões, gostos e vontades dos atores sociais, além da organização discursiva efetiva dos seguidores da página.

O estudo confirmou também que através dessa interação e organização social foi possível a articulação dos protestos dentro da página e a transposição deles para às ruas do Brasil. Do ponto de vista metodológico a análise de conteúdo possibilitou as inferências obtidas nos resultados da análise da página e permitiu a compreensão geral das relações estabelecidas através das redes sociais a que propôs a pesquisa. Mensurar as interações sociais na internet implica em fazer uma análise cujo objetivo não é apenas verificar quantitativamente de que forma essas conexões acontecem. Em estudos como este há uma necessidade de analisar também o conteúdo das interações sociais e do grau de participação dos atores, buscando entender como funciona a estrutura e a dinâmica da rede, além da lógica em que se baseiam as relações humanas e sociais.

Referências

ANTOUN, H.; LEONARDI, E.. **A agonística entre dispositivo de visibilidade e modos de subjetivação no blog da Galera de Capricho**. Culturas Midiáticas, v. 5, p. 1-12, 2012.

ANTOUN, H.; MALINI, F.. **Ontologia da liberdade na rede: a guerra das narrativas na internet e a luta social na democracia**. Revista Famecos. Porto Alegre. v.17, n.3, p.286-294, 2010.

ÁVILA, Marcos. **Mídias alternativas VS Mídias tradicionais: as manifestações de junho de 2013**. In: II Colóquio Semiótica das Mídias (ISSN: 2317-9147), 2013. Japaratinga – Alagoas. Disponível em: http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm2/CSM2_MarcosRecheAvila.pdf. Acesso em: 23 Jan. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. 5. Brasil, Edições 70, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Fronteiras do pensamento**. Inglaterra. Youtube. 10 Ago. 2011. Entrevista a Fernando Schüler e Mário Mazzilli. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A&hd=1>. Acesso em: 13 Fev. 2014.

FELICE, Massimo di. **Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares**. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura. Bahia. v.. 11, n. 2, p. 267-283, 2013. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/8235/6497>. Acesso em: 17 Dez. 2013.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A.. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre, Sulina, 2011.

GARCÊZ, Regiane. **A representação política dos oprimidos nas redes sociais online: quem fala em nome de quem e com que legitimidade?**. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura. Bahia. vol. 11, no 2, p. 304-321, 2013. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6470/6492>. Acesso em: 13 Dez. 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Ed. 5. São Paulo, Atlas, 1999.
LÉVY, Pierre. Roda Viva. 08 Jan. 2001. TV Cultura. Entrevista a Paulo Markun. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/47/>. Acesso em: 05 Fev. 2014.

GOMES, Wilson. **A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política**. Disponível em: <file:///C:/Users/Terra%20Viva/Downloads/6394-19405-1-SM.pdf>. Acesso em: 12 Jan. 2014.

LIMA, Marcus. **Celebridades e Ativismo: a voz dos famosos em defesa do casamento igualitário**. Contemporânea – **Revista de Comunicação e Cultura**. Bahia. v.. 11, n. 2, p. 284-301, 2013. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/8302/6498>. Acesso: 14 Dez. 2013.

MALINI, F.; ANTOUN, H.. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais.** Porto Alegre, Sulina, 2013.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html. Acesso em: 16 Fev. 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre, Sulina, 2009. Disponível em <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redessociaisnainternetrecuero.pdf>. Acesso em: 25 Jan. 2014.

_____. **A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador.** Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/raquelrecuerolivrocasper.pdf>. Acesso em: 05 de Fev. de 2014.

_____. **O "Dark Side" da Mídia Social: Colisão de Contextos no Facebook.** Disponível em <http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/2012/07/o-dark-side-da-midia-social-colisao-de-contextos-no-facebook.html>. Acesso em: 13 Fev. 2014.

_____. **Estudos de redes sociais na internet.** Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2008/05/estudos-de-rede.html>. Acesso: 13 Fev. 2014.

_____. **Uma reflexão sobre redes sociais online e off-line.** Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2009/07/uma-reflexao-so.html>. Acesso em: 20 Jan. 2014.

SIMÕES, Isabella. **A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação.** Revista Eletrônica Temática. João Pessoa. Ano V, n. 05 – Maio/2009. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2009/Maio/sociedade_ciberespa%C3%A7o_Isabella.pdf. Acesso em: 07 Fev. 2014.